

EXPERIÊNCIA DA MATERNAGEM PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIAS DA EQUIPE DA UBS SALGADO FILHO

**LÍVIA SILVA PIVA¹; DARYENE SILVEIRA LIMA²; CRISTIANE BERÇOT
BUDZIARECK³; FABIANA LEMOS GOULARTE DUTRA⁴ EDUARDA HALLAL
DUVAL⁵; JULIANE FERNANDES MONKS DA SILVA⁶**

¹*Universidade Federal de Pelotas – liviapiavamed@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – daryenesilveira24@gmail.com*

³*Centro de Controle de Zoonoses SMS Pelotas - cristiane.bercot@gmail.com*

⁴*Prefeitura Municipal de Pelotas - fgoularte@hotmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – eduardahd@hotmail.com*

⁶*Universidade Federal de Pelotas – julianemonks@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A maternagem é uma prática de cuidado que envolve aspectos emocionais, sociais e profissionais de um indivíduo maior de idade a outro, até atingir sua maioridade. É uma ação que independe do sexo e vínculo, sendo assim, pode ser realizada por tios, avós, amigos, vizinhos, mães e pais (BALUTA, 2019). Essa etapa representa um desafio constante para aqueles que trabalham diariamente, em função de uma rotina que pode ser marcada por sobrecarga, dificuldade de conciliação entre trabalho e atenção aos filhos, além de falta de políticas institucionais de suporte. Estudos apontam que o retorno ao trabalho após a maternidade é uma fase de intensos desafios e inseguranças, as quais exigem adaptações, tanto pessoais, quanto institucionais (MARTINS, 2005).

Ao longo da carreira profissional, muitos pais apresentam demandas específicas, no qual precisam se voltar mais às suas carreiras e menos aos filhos. Ao comparar as demandas de cada gênero, a maternagem no contexto profissional, é atravessada por um conjunto de fatores estruturais e culturais que tendem a sobrecarregar de forma desigual mulheres e homens (HAASE; BRAGA, 2018). Embora o cuidado possa ser exercido por diferentes indivíduos, ainda recai majoritariamente sobre as mulheres a responsabilidade pelo acompanhamento diário, pela gestão emocional e pela organização da rotina familiar (HIRATA; KERGOAT, 2007). Essa assimetria se reflete na dificuldade de acesso a políticas institucionais de apoio, na limitação de tempo para autocuidado e no aumento da sobrecarga mental, afetando tanto a saúde física quanto a psicológica desses profissionais (HOFFMANN; DA ROCHA, 2021).

Outro aspecto relevante é o impacto da dupla jornada, que envolve o trabalho remunerado, o cuidado com os filhos e as tarefas domésticas. Pesquisas demonstram que a falta de corresponsabilidade parental e de redes de apoio consolidadas intensifica o cansaço e a sensação de insuficiência frente às múltiplas demandas (SORJ; FONTES; MACHADO, 2007). No caso da maternidade solo, essa sobrecarga é agravada pela ausência de apoio conjugal e pelo desafio de conciliar a manutenção financeira e o cuidado afetivo, o que reforça desigualdades históricas de gênero e renda (COSTA; RIBEIRO, 2020).

Agregado a isso, é importante considerar que o retorno ao trabalho após o nascimento de um filho não é apenas uma questão logística, mas um processo que envolve readaptação identitária e emocional. O período pós-licença parental exige reorganização das prioridades, redefinição dos papéis sociais e, muitas vezes, enfrentamento de ambientes laborais pouco sensíveis às necessidades da maternagem (GUIMARÃES; HIRATA; 2019). No setor da saúde, onde a carga horária é frequentemente extensa e as demandas emocionais são elevadas, a

ausência de políticas claras de flexibilização e acolhimento torna esse retorno ainda mais desafiador, impactando a qualidade do cuidado oferecido e a satisfação no trabalho.

Em virtude desse panorama, o Grupo 5 do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), ao abordar a temática equidade sobre os processos de maternagem, lactação, climatério e menopausa, objetivou analisar as experiências de maternagem de profissionais da Unidade Básica de Saúde (UBS) Salgado Filho, evidenciando os principais desafios enfrentados, o suporte recebido e sugestões para um ambiente de trabalho mais acolhedor. A relevância do tema se dá pela urgência em reconhecer a maternagem como uma dimensão do cuidado que impacta diretamente a qualidade de vida e o desempenho profissional, além de contribuir para discussões sobre equidade de gênero no ambiente de trabalho.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

As atividades consistiram na realização de entrevistas com profissionais da saúde da UBS Salgado Filho, com o objetivo de compreender as vivências relacionadas à maternagem no contexto de trabalho em saúde. As entrevistas foram orientadas por um roteiro semiestruturado, contendo questões sobre a adaptação da rotina, dificuldades para conciliar trabalho e maternagem, suporte institucional e sugestões para melhorias no ambiente de trabalho. As entrevistas ocorreram ao longo de três encontros presenciais na própria UBS, em espaço reservado, buscando garantir um ambiente seguro e acolhedor para o compartilhamento das experiências.

Além das entrevistas individuais, foi realizada uma dinâmica de grupo para promover a reflexão sobre a maternagem com três caixas temáticas, intituladas: Caixa 1: “O que eu carrego”: voltada à reflexão sobre os aprendizados, sentimentos e experiências marcantes na trajetória de quem materna; Caixa 2: “O que eu deixo”: espaço para desabafo de sentimentos, angústias ou legados deixados pela maternagem; Caixa 3: “O que eu preciso”: direcionada aos desejos e necessidades para tornar a experiência da maternagem mais viável e respeitada no cotidiano.

A fundamentação metodológica adotada foi baseada na pesquisa participante, conforme proposta de Bardin (2016), utilizando a análise de conteúdo como ferramenta para categorização e interpretação dos dados. Essa abordagem valoriza a escuta sensível e o protagonismo dos sujeitos envolvidos, permitindo que a análise seja realizada a partir da vivência real dos profissionais, e não apenas de parâmetros normativos.

Assim, o trabalho desenvolveu-se com foco em promover espaços de escuta qualificada, visibilização das experiências de quem materna e construção coletiva de estratégias que possam transformar, ainda que de forma incremental, as condições institucionais enfrentadas por esses profissionais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participaram todos os 18 profissionais da UBS Salgado Filho, além de 2 Agentes de Combate às Endemias (ACEs), totalizando 20 profissionais ao longo de três encontros no mês de 2025, sendo 17 mulheres e 3 homens. Esses profissionais tinham entre 29 e 58 anos, e média de idade de 43 anos. Dentre as mulheres, 15 exerciam ou já haviam exercido a maternagem, enquanto duas não tinham filhos. Entre os homens, um relatou estar envolvido ativamente na maternagem e dois não

exerciam esse papel diretamente, mas conviviam com colegas que maternavam. Essa diversidade permitiu a escuta de múltiplas perspectivas sobre os desafios e sentimentos relacionados à maternagem, independentemente do gênero.

As respostas evidenciaram sentimentos de culpa, cansaço, solidão, mas também de amor, realização e força. Os relatos foram especialmente marcados por desafios como a ausência ou fragilidade da rede de apoio, excesso de carga horária, sentimento de culpa por ausência nos cuidados diários, e falta de políticas institucionais de suporte. As mães solo, ou em situação de maternidade solo, relataram uma sobrecarga ainda mais intensa, com destaque para a falta de corresponsabilidade parental e apoio social.

Apesar das discrepâncias voltadas ao gênero, as falas dos homens e das mulheres indicaram sentimentos semelhantes quanto à responsabilidade afetiva envolvida no cuidado com os filhos, ainda que a intensidade da sobrecarga tenha sido mais fortemente expressa pelas mulheres. A análise revelou padrões recorrentes, como: sobreposição de funções (trabalho remunerado, cuidado doméstico e cuidado materno); sensação de invisibilidade institucional; desejo de mais tempo e presença na vida dos filhos; sentimento constante de inadequação e culpa. Como propostas objetivas de suporte, surgiram a criação de creches nos serviços, presença de salas de amamentação, flexibilização de carga horária, ampliação de licenças e suporte psicológico.

A escuta ativa das experiências vividas pelos profissionais da saúde revelou que a maternagem, embora frequentemente associada a sentimentos de amor, gratidão e compromisso, é também atravessada por múltiplos desafios e contradições. Ainda que alguns participantes tenham relatado experiências pontuais de acolhimento e suporte, a maioria destacou a necessidade urgente de melhorias estruturais e políticas, que promovam o cuidado de quem cuida.

Diante desse contexto, torna-se evidente a necessidade de reestruturação do ambiente de trabalho, especialmente para profissionais da saúde. Urge a formação de gestores conscientes e comprometidos com essa temática e com a equidade de gênero, capazes de reconhecer a maternagem como um atravessamento real e legítimo na vida profissional (BRASIL, 2023; SOUZA, 2023).

Entre os principais desafios enfrentados no processo, houve destaque para a escuta de vivências por vezes dolorosas, e a complexidade da análise qualitativa de conteúdos subjetivos. No entanto, a experiência também gerou aprendizados significativos, como o reconhecimento da potência das rodas de conversa e das dinâmicas como instrumentos de escuta e transformação coletiva (MELO, 2016).

Este trabalho foi um mergulho em aprendizados que ultrapassaram o campo acadêmico. Ele fortaleceu em nós um olhar mais humano, empático e interseccional sobre a maternagem no serviço público de saúde, revelando que cada narrativa compartilhada carrega a força de uma história de vida que merece ser ouvida e valorizada. Para nós, bolsistas do PET, foi um despertar. Descobrimos que, por trás da rotina exaustiva e das lutas diárias dos profissionais, existe também um conjunto de experiências singulares que sustentam a rede do SUS com coragem e dedicação. Ao escutarmos cada pessoa, com suas dores, desafios e conquistas, abrimos nosso panorama e compreendemos que o cuidado em saúde só se constrói quando reconhecemos a riqueza da pluralidade humana.

Como perspectivas futuras, estamos no processo de criação de um Ebook para garantir que as vozes desses e de demais profissionais da Saúde Pública de Pelotas (incluindo SAMU, Unidades Básicas e Agente da Secretaria da Saúde) sejam ouvidos. Também queremos incentivar o desenvolvimento de protocolos

institucionais de acolhimento à maternagem, baseados nas demandas concretas dos trabalhadores, como forma de promover ambientes com maior equidade.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALUTA, M. C.; MOREIRA, D. A. A injunção social da maternagem e a violência. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.27, n.2, e48990, 2019. Acesso em: 07 jun. 2024. BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 230, de 7 de março de 2023. Institui o Programa Nacional de Equidade de Gênero, Raça e Valorização das Trabalhadoras no Sistema Único de Saúde - SUS. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 8 mar. 2023.
- COSTA, A. P.; RIBEIRO, C. R. Maternidade solo no Brasil: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v. 37, p. 1–22, 2020. DOI: <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0119>
- GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. Cuidado e trabalho: um debate em curso. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 49, n. 171, p. 10–37, 2019.
- HAASE, R. F.; BRAGA, M. G. Gênero, cuidado e saúde: uma revisão integrativa. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 380–393, 2018.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595–609, 2007.
- HOFFMANN, M. S.; DA ROCHA, L. B. Trabalho, maternidade e saúde mental: desafios contemporâneos. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, Brasília, v. 21, n. 4, p. 1623–1632, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5935/rpot/2021.4.22624>
- MARTINS, R. A. Mulheres e maternidade: desafios contemporâneos. *Revista Estudos de Gênero*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 45–60, 2005.
- MELO, R. H. V. DE . et al.. Roda de Conversa: uma Articulação Solidária entre Ensino, Serviço e Comunidade. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 40, n. 2, p. 301–309, abr. 2016.
- SORJ, B.; FONTES, A.; MACHADO, D. C. Políticas públicas e as transformações no mundo do trabalho: gênero e família. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 50, n. 3, p. 623–649, 2007.
- SOUZA, C. B. DE . et al. Promoção, proteção e apoio à amamentação no trabalho e o alcance do desenvolvimento sustentável: uma revisão de escopo. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 4, p. 1059–1072, 2023.